

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

**ATIPICALIDADES DE OBJETOS DE DISCURSO: A RECATEGORIZAÇÃO
NO CONCEITO DE *NORDESTINO* NATURALIZADA PELO DISCURSO
RACISTA NO BRASIL**

*ATIPICALITIES OF SPEECH OBJECTS: THE RE-CATEGORIZATION IN THE
CONCEPT OF NORTHEASTERN BRAZILIANS NATURALIZED BY THE RACIST
DISCOURSE IN BRAZIL*

Ana Márcia Ruas de Aquino¹

Hugo Mari²

Juliana Lopes Melo Ferreira Sabino³

RESUMO: O tema deste trabalho está circunscrito ao grau de tipicidade do objeto de discurso, notadamente no conceito de *nordestino*, prototipificado na campanha à presidência em 2014, com o objetivo de definir-lhe um domínio de pertinência numa escala gradiente, tendo como pressupostos teóricos os estudos de Rosch (1978) e Murphy (2004), entre outros. Como resultado, percebe-se que se instauram, nesse contexto, categorias *ad hoc*, as quais refletem momentos socioculturais e políticos brasileiros, que serão recursivizados por meio da memória semântica, levando-nos a uma visão cultural desse objeto prototípico, no caso, a categorização de *nordestino*, em cenário “novo” de uma campanha presidencial, que o distancia de um sentido “original” [+ típico], trazendo à tona sentidos racistas e de procedência nacional [- típicos].

PALAVRAS-CHAVE: Categorias culturais; Racismo; Tipicidade.

ABSTRACT: The theme of this work is circumscribed to the degree of typicality of the speech object, notably the concept of *Northeastern Brazilians*, a prototype in the campaign for president in 2014 with the objective of defining a membership area on a gradient scale, with the theoretical assumptions of Rosch (1978) and Murphy (2004), among others. As a result, it can be seen that are established, in this context, *ad hoc* categories, which reflect socio-cultural and political moments in Brazil, retrieved through semantic memory, leading us to a cultural view of this prototypical object, in this case, the categorization of *Northeastern Brazilians* in a “new” setting in a presidential campaign, with a distance from an “original” sense [+ typical], bringing us racism and the national origin senses [- typical].

KEYWORDS: Cultural categories; Racism; Typicality.

Conceitos como construções socioculturais

As palavras de uma língua natural não possuem sentido permanente. Isso é um fato, pois certos alimentos, por exemplo, pertencem à categoria dos alimentos em uma

¹Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, professora na área de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Montes Claros, bolsista pela Fapemig. E-mail: anamarciaaquino@gmail.com.

²Professor da Pós-Graduação em Letras, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: hugomari28@gmail.com.

³Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, bolsista pela Capes. E-mail: julianalopes20@hotmail.com.

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

cultura, o mesmo não acontecendo com tais objetos de discurso⁴ em outras tantas culturas.

Essas categorizações ocorrem no sistema conceitual, que é internalizado, e não no âmbito do sistema linguístico. São os domínios conceituais, os quais “se formam em dois processos bastante complexos: por trabalho de construção cultural e pelo trabalho individual em relação ao trabalho cultural.” (FERRAREZI JR., 2010, p. 166).

Em se tratando da cultura, esses conceitos são o reflexo do nosso modo de enxergar as coisas do mundo, que são representadas por meio da linguagem, como “fruto do nosso trabalho cognitivo (atividade mental) em relação aos parâmetros que a cultura nos fornece.” (FERRAREZI JR., 2010, p. 166).

É preciso que se tenha estabelecido que muitas das categorias com as quais lidamos, tendo estas sido por nós adquiridas, são coletivas e compartilhadas por serem de ordem cultural, não sendo, no entanto, aleatórias ou desordenadas. “Pelo contrário, são regidas por fortes hierarquias e estruturadas segundo princípios definidos na própria cultura. [...]”. Elas “são parte do sistema conceitual dos falantes da língua.” (FERRAREZI JR., 2010, p. 167).

Não se trata das próprias palavras em si, mas das propriedades que são construídas por interferência da cultura e da categorização de seus objetos de discurso, ou seja, pelos conceitos com os quais operamos mentalmente.

Nada teria uma segmentação a priori: tanto as categorias discursivas quanto as cognitivas podem evoluir e se modificar de acordo com uma mudança de contexto ou de ponto de vista. As opções lexicais se reconstróem e se amoldam ao que está sendo negociado entre os interlocutores, dependendo de seus propósitos enunciativos (MONDADA; DUBOIS, 2003).

Ainda de acordo com essas autoras (MONDADA; DUBOIS, 2003), a melhor adequação vai sendo construída por meio de sua transformação discursiva, havendo um processo de ajustamento das palavras que não se faz diretamente em relação ao

⁴Adotamos a terminologia objeto de discurso, conforme aceção de Mondada e Dubois (2003), que preferem assim denominar o que outros estudiosos chamam de referentes, por acoplarem a seu sentido o fato de serem construtos culturais, representações constantemente sustentadas, alimentadas pelas atividades linguísticas.

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

referente dentro do mundo, mas no quadro contextual, a fim de se construir o objeto de discurso, ao longo do próprio processo de referenciação⁵.

Há, portanto, paradigmas nos quais há palavras com sentidos diferentes, mas associados entre si. Essas palavras – que são conceitos, categorias culturais – possuem sentidos com extensões diferentes, uns em relação aos outros, para as demais palavras do paradigma. Assim, pode-se dizer que há uma hierarquia de posições internas em um paradigma, a depender dos conceitos de seus objetos.

Nessa perspectiva, acerca dos conceitos de objetos de discurso, MARI (1997) assevera:

[...] conhecer um objeto é, ao menos, reconhecer-lhe o domínio de pertinência, e apontar este domínio é o primeiro estágio da construção de um conceito desse objeto, ou seja, associamos a ele, minimamente, as propriedades que regulam sua entrada no conjunto. (MARI, 1997, p. 72).

Essa visão dos conceitos dos objetos aponta para um relato mais específico sobre o modo como se estruturam os conceitos, tendo em vista o fato de que “[...] um conceito, além de incluir um conjunto de propriedades (atributos ou traços), [...] também se constitui a partir das relações com outros conceitos.” (MACEDO, 2002, p. 4).

A formação de conceitos, conforme Richards (1988), deve ser “sensível” aos contextos. Desse modo, é necessário predicar propriedades aos domínios de conceitos, considerando que a predicação seja um processo intuitivo: a nossa atividade perceptiva da referenciação/da representação é moldada pela nossa intuição.

Predicar propriedades ao domínio dos conceitos é, portanto, compreender essas predicações como um processo universal do falante, pois não temos que aprender tudo, todos os dias; para descer uma escada, por exemplo, temos um conceito de como praticar tal ação.

Pode haver, contudo, graus de tipicidade do objeto de discurso (MURPHY, 2004), com a necessidade de definir-lhe um domínio de pertinência, de realizar sua categorização numa escala gradiente. Para compreender esse aspecto, podemos citar o exemplo de Rosch (1978) acerca da avaliação do membramento categorial que revela

⁵ Ao falarmos em referenciação, ressaltamos que esta não diz respeito a “uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas, mas a uma relação ente o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado.” (RASTIER, 1994, p. 19 *apud* MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

um membro como típico ou atípico de uma categoria: maçã, para frutas, tem um grau de tipicidade altíssimo, mas patinete, para meios de transporte, possui um grau de tipicidade baixíssimo.

Nesse caso, vale ressaltar que, dependendo do contexto, do cenário em que esses objetos (maçã e patinete) estejam inseridos, essa escala de gradiência poderá sofrer variações significativas, sendo essa variação, muitas vezes, determinada por categorias culturais que se conformam com nossa organização conceitual do mundo.

Por essa razão, autores como Murphy e Medin (1985) refutam abordagens que têm como base tão somente correlações de similaridades e traços entre conceitos, pois estas não são capazes de explicar a estrutura interna ou a relação entre conceitos, num determinado domínio.

Um conceito não é representado em uma única estrutura, a qual não sofreria variação (como uma lista de traços nucleares), pelo contrário:

[um conceito] é maleável e refletirá a interação entre o contexto ambiental e o peso das interconexões de outros encontros anteriores com instâncias do conceito dentro de um contexto significativo. Esta visão, ao invés de favorecer uma única representação para toda a categoria em quaisquer situações, permite o acesso a representações múltiplas. (MACEDO, 2002, p. 5).

Não circunstancialmente, desse modo, uma representação dependerá do contexto, isto é, do cenário de interação entre o que é consensual e o que é fenomenológico e das representações já armazenadas na memória episódica⁶, considerando-se que os conceitos emergem de construções socioculturais, na formação dos protótipos.

A relação prototípica em “nordestino”

Acerca das relações prototípicas, na campanha eleitoral à presidência, em 2014, emergiram construções que levaram à formação de conceitos associados a *nordestino*.

⁶Utilizamos os conceitos de Richards e Goldfarb (1986), ao tratarmos de memória episódica: é a memória de longo prazo, que configura a recordação de um evento do dia a dia, permitindo eficácia no comportamento. É dependente da memória semântica (também de longo prazo), sem a qual não se poderia fazer recursividade a um objeto de discurso, em um dado contexto.

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Para efeito da discussão sobre esses conceitos, consideraremos *nordestino* como o protótipo.

Primeiramente, fixando-se na palavra *nordestino*, podemos enumerar, com o auxílio do Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999, p. 1415), os seguintes sentidos para essa palavra: 1. Do, ou pertencente ou relativo ao Nordeste brasileiro; 2. Nos estudos dialetológicos sobre o português brasileiro, diz-se da variedade falada na área linguística que compreende os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e ainda parte de Goiás; 3. O natural ou habitante dessa região.

Além desses sentidos, não aparecem, no referido dicionário, palavras compostas ou expressões formadas a partir de *nordestino*, como poderia ocorrer com outros verbetes, tais como “pé”: “pé de cabra”; “[jurar] de pés juntos”, etc.

É salutar ao entendimento do nosso enfoque acerca do protótipo *nordestino* que apontemos o contexto da campanha eleitoral⁷: na campanha presidencial de 2014, por ocasião do segundo turno das eleições, os nordestinos tornaram-se alvo de racismo nas redes sociais, após a vitória, no primeiro turno, da candidata petista Dilma Rousseff.

Essa candidata obteve uma vitória esmagadora sobre o tucano Aécio Neves, nas regiões Norte (onde teve 50,52% dos votos contra 28,26% de Aécio) e Nordeste (onde ganhou com 59,58% dos votos contra 15,40% do tucano), o que gerou, na internet, uma onda de comentários preconceituosos contra os moradores dessas regiões em que venceu a petista.

Diferentemente, nas outras regiões do País, Aécio manteve-se à frente da petista: no Sudeste, venceu com 39,4% contra 32,43% de Dilma. No Sul, com 47,21% contra 36,32%. No Centro-Oeste, obteve 40,99% contra 32,55% do PT.

Desse resultado, surgiram comentários diversos de internautas, disseminando o preconceito contra os nordestinos, embora os preconceitos e discriminações raciais, de etnia e de cor, religiosos ou de procedência nacional sejam crimes previstos na Lei nº 7.716/89 (alterada em 13 de maio de 1997, Lei nº 9.459), com a pena variando de um a três anos ou de dois a cinco anos de prisão, além de multa (BRASIL, 1997).

⁷ SALLES, publicado em: 06 out. 2014, às 20h26.

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Esses comentários por meio de postagens, nesse contexto da campanha eleitoral de 2014 e em tantos outros, como os marcados pelas questões de identidade, gênero, sexualidade, etc., possuem “um espaço-tempo de contestação de significados, informados pela naturalização da diferença (e de suas violentas consequências) observada nos comentários dos *posts*.” (BIONDO, 2015, p. 232). Muitas dessas temáticas, as quais são comentadas nas comunidades cibernéticas, têm girado, inclusive, “em torno de violências contra seres humanos” (BIONDO, 2015, p. 222).

Nas redes sociais, eleitores contrários ao PT postaram comentários, tais como:

“A prova de que nordestino é vagabundo é quando entraram em pânico com o boato de que o bolsa família ia acabar, hahaha, escórias”⁸

A atipicalidade ocorre, nesse enunciado, por não haver a correlação entre esse elemento e outros que estão dentro de uma rede, qual seja: a de *nordestino* como “Do, ou pertencente ou relativo ao Nordeste brasileiro” (FERREIRA, 1999, p. 1415), que seria [+ típico].

Nesse sentido, tratemos dessa relação de tipicalidade ou de sua ausência. Vejamos:

[+ típico]	[típico]	[-típico]
pessoa que habita o Nordeste	pessoa que nasceu no Nordeste	pessoa que votou em Dilma Rousseff
		pessoa que não trabalha/vagabundo/escória

O protótipo de *nordestino* não é um exemplar da classe, mas um construto da classe, com esse exemplar escolhido para um conceito dessa base estrutural, não havendo, no conceito, as propriedades que existem no objeto, mas uma metaforização desse objeto de discurso, uma idealização desse objeto dentro desse contexto da campanha eleitoral de 2014.

⁸ SENRA, publicado em: 08 out. 2014, às 10h33.

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

O *nordestino* é constituído como pessoa que votou em Dilma Rousseff e como pessoa que não trabalha/vagabundo [- típicos], ou seja, como beneficiário do programa assistencial de governo bolsa-família [- típico], como escória [- típico], aspectos que somente se fazem presentes no contexto específico da campanha presidencial de 2014, ao referendarmos essa prototipicidade para *nordestino* como pessoa que votou em Dilma Rousseff [- típico].

Essa atipicalidade tem um caráter, aqui, sociocultural, histórico e político. De modo geral, *nordestino* designa a pessoa que habita o Nordeste [+ típico], pela sua extensão cultural, ou a pessoa que nasceu no Nordeste [típico]. Nesse enfoque específico da campanha, ele perde a sua tipicidade (original) dentro da classe.

Essa ausência de tipicidade é reveladora da força cultural autoritária, construída em torno das pessoas tanto do Sul como do Sudeste do Brasil, com categorias tradicionalmente definidoras de poder, sob o ponto de vista econômico, cultural ou socioelitizante, aspecto que tem tornado mais esmagadora a convivência de culturas e de estilos de vida, tornando-nos sujeitos a assumir identidades racializadas, etnocêntricas.

Nota-se, nesse enunciado, que os nordestinos apresentam-se como pessoas vitimadas pelo “outro”, pelas pessoas do Sul e do Sudeste do Brasil, numa tentativa de estabilizar estruturas de poder a respeito do que é intuído ou categorizado como: pessoas que votam em Dilma (nordestinos) *versus* pessoas que não votam em Dilma (moradores do Sul e do Sudeste, de modo geral).

Há uma potencialização das relações sociais no Brasil, em épocas de campanha presidencial, com a construção e desconstrução de significados dentro das estruturas de poder que constituem conceitos e categorias, o que tem ocorrido nas relações entre as instâncias políticas, midiáticas, cidadãos⁹, religiosas¹⁰, em épocas de eleição presidencial, com enfoque especial para as últimas campanhas.

Na campanha de 2014, estabeleceu-se, entre outros paradigmas, um espectro do *nordestino* reificado num discurso que o desconstruía, destituía da habitualidade de

⁹ Trata-se, aqui, das relações de poder das instâncias do dispositivo (CHARAUDEAU, 2008, p. 55-56).

¹⁰ Essas instâncias são acrescidas da instância religiosa (AQUINO, 2012, p. 27), tendo se desenvolvido na campanha presidencial de 2010. Foram reproduzidas, também, sob certos aspectos, na campanha de 2014, se comparada com estudos relatados da campanha de 2010 (AQUINO, 2012, p. 28).

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

cidadão brasileiro votante (como seriam os outros brasileiros), no interior das estruturas de poder social existentes.

Essas estruturas, é válido ressaltar, não “neutralizam” o *nordestino*, mas o colocam como um ser que foge às regularidades – à tipicidade – como pessoa que habita o Nordeste [+ típico], quando é comparado às pessoas que habitam as demais regiões do Brasil, por ser nestas estigmatizado por meio de atipicalidades.

Outro comentário, de Fernando Henrique Cardoso, tucano e ex-presidente do Brasil, repercutiu nas redes sociais, após o resultado do primeiro turno, com a já mencionada vitória de Dilma Rousseff na região Nordeste:

“O PT está fincado nos menos informados, que coincide de ser os mais pobres. Não é porque são pobres que apoiam o PT, é porque são menos informados.”¹¹

Nesse exemplo, o reconhecimento perceptivo do objeto – a sua tipicidade – não se sustenta em uma categorização na classe dos *nordestinos*, ou seja, de pessoas habitantes ou nascidas no Nordeste:

[+ típico]	[típico]	[-típico]
pessoa que habita o Nordeste	pessoa que nasceu no Nordeste	pessoa menos informada
		pessoa mais pobre

O *nordestino* surge como pessoa menos informada [- típico], como pessoa mais pobre [- típico], esboçando-se uma visão político-partidária que se apresenta no cenário específico da campanha presidencial de 2014, ao idealizarmos essa prototipicidade para *nordestinos* como eleitores petistas de Dilma Rousseff, que são mais pobres e menos informados [- típicos].

A ausência de tipicidade, nesse contexto, possui uma característica sociocultural, histórica e político-partidária. De modo geral, o *nordestino* designa a

¹¹ SENRA, publicado em: 08 out. 2014, às 10h33.

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

pessoa habitante do Nordeste [+ típico], mas, nesse enfoque da campanha, ele perde a sua tipicidade [original] dentro da classe.

Reforça-se a criação e estabilização do binário pessoa habitante do Nordeste/pessoa habitante do Sul e Sudeste, no interior da cultura brasileira. Esse binário ecoa discursos culturalmente situados, legitimando a voz do poder de classes e fazendo com que a saga de lugares culturalmente estigmatizados, como o Nordeste do País, perpetue-se por meio de uma campanha que foge à tradição de uma agenda de valores como a educação, a moradia, a saúde, etc.¹².

Nesse sentido, enfoca a disputa descompromissada (por reforçar apenas meros paradigmas sociais) de poder classista em nome da candidata Dilma (que representaria as pessoas menos informadas, as mais pobres) *versus* seus principais oponentes (que representariam as pessoas mais informadas, as mais ricas).

Como comprovação de que essa menção aos nordestinos tem uma prototipicidade para a classe dos desinformados e pobres, o ex-presidente petista, Lula, manifestou-se, no ciberespaço, por meio da seguinte declaração:

“É um absurdo que o Nordeste e os nordestinos sejam caracterizados como ignorantes ou desinformados por seus votos.”¹³

Nesse enunciado, percebe-se, da mesma forma, a prototipicidade para nordestinos como eleitores petistas de Dilma Rousseff, pessoas que são ignorantes e desinformadas [- típico]:

[+ típico]	[típico]	[-típico]
pessoa que habita o Nordeste	pessoa que nasceu no Nordeste	pessoa ignorante
		pessoa desinformada

¹²Destacamos que uma discussão acerca de uma agenda de valores em campanhas eleitorais/presidenciais pode ser encontrada em Aquino (2012, p. 35-38).

¹³ SENRA, publicado em: 08 out. 2014, às 10h33.

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Houve, nessa campanha, a reprodução de significados bastante diversos sobre as pessoas que tornam eleito um candidato, depreciando-se as pessoas que habitam o Nordeste, mais especificamente. Essa interação que se deu por meio da mídia web evoluiu para uma disputa de significados em torno de pessoas eleitoras, cuja capacidade intelectual passou a ser medida, aparentemente, pela localização geográfica.

Entretanto, sua localização revela uma mazela social brasileira, expondo pessoas que são pobres e, por isso, consideradas desinformadas (do Nordeste) e, conseqüentemente, indignas de votar [- típico], em detrimento de pessoas de localidades supostamente privilegiadas (Sul/Sudeste) que teriam, por essa razão, maior capacidade de votar, formação, informação e conhecimento, de acordo com estes *corpora*.

Em outro enunciado, publicado na mídia de internet, o segmento médico brasileiro, com a criada comunidade de quase 100 mil usuários contra a candidata petista, prega holocausto aos nordestinos e castração química¹⁴. Em decorrência da vitória de Dilma Rousseff no primeiro turno, instigam, nas redes sociais, os colegas médicos, antidilmistas, a dizimarem a população nordestina:

“70% de votos para Dilma no Nordeste! Médicos do Nordeste causem um holocausto por aí! Temos que mudar essa realidade!”¹⁵

Nesse enunciado, a força ilocucionária de elementos como “holocausto” demonstra a dimensão do grau de aversão ao nordestino (pessoa que habita o Nordeste [+ típico] ou pessoa que nasceu no Nordeste [típico]):

[+ típico]	[típico]	[-típico]
pessoa que habita o Nordeste	pessoa que nasceu no Nordeste	pessoa que deve ser submetida a um holocausto
		pessoa a quem se nega a realidade/o existir

¹⁴ GARCIA, atualizado em: 09 out. 2014, às 13h49.

¹⁵ GARCIA, atualizado em: 09 out. 2014, às 13h49.

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Nesse domínio em análise, há um “convite” a que sejam extintas as pessoas que habitam o Nordeste [+ típico] ou as pessoas que nasceram no Nordeste [típico], ao se definirem, na mídia, posições sociais superiores e inferiores, em nossa sociedade, e se (re)produzirem e sustentarem as diferenças entre as pessoas: pessoa que habita ou nasceu no Nordeste (em que há alto grau de tipicidade) *versus* pessoa que votou em Dilma e deve ser submetida a um genocídio, extermínio, ou seja, pessoa a quem se nega o direito do existir, por ser eleitor de Dilma, denotando-se um baixíssimo grau de tipicidade, aqui referendado apenas pela existência do contexto estigmatizante da campanha.

O enunciado que se segue foi publicado originalmente no twitter, sendo classificado pelo autor que o reproduziu como uma entre as “postagens preconceituosas feitas pelos internautas”:

“só aqueles nordestinos malditos que votam na Dilma nossa espero que nunca mais chova la seca pra sempre”¹⁶

Esse enunciado retoma a construção de conceitos em que se evidenciam formações culturais hegemônicas e binarizantes de classes (Nordeste *versus* Sul/Sudeste), confirmando o efeito da polarização de classes como um aspecto recorrente na campanha presidencial de 2014.

Assim, podemos identificar os graus de tipicidade:

[+ típico]	[típico]	[-típico]
pessoa que habita o Nordeste	pessoa que nasceu no Nordeste	pessoa maldita que votou na Dilma
		pessoa predestinada à seca incessante/à morte

¹⁶ SALLES, publicado em: 06 out. 2014, às 20h26. Ressaltamos que, nesse enunciado (assim como nos demais aqui apresentados), preservou-se a escrita original do texto pelo internauta, autenticamente de linguagem da internet, sem preocupação em adequar a sua linguagem à norma padrão escrita da língua portuguesa.

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Nessa atipicalidade, acrescenta-se uma adjetivação (maldita) àquela pessoa que vota em Dilma Rousseff [- típico], reafirmando o protótipo do nordestino envolto por uma espécie de praga, pela forma como se divulgam a fome, a seca, a baixa escolarização, entre outros problemas sociais que assolam o Nordeste.

Além dessa crença social, revela-se, nesse enunciado, o desejo de que os nordestinos – que sofrem com períodos prolongados de seca – estejam predestinados, como castigo por votarem em Dilma, a uma seca incessante [- típico], recuperando a ideia do enunciado anterior, a de que as pessoas que habitam o Nordeste se tornem pessoas condenadas a um holocausto [- típico].

Nesse contexto, revelam-se implicações de um ativismo partidário que não contabiliza o sofrimento humano, projetando predestinar uma classe ao extermínio por meio de categorizações prototípicas, as quais revelam uma atipicalidade que pode ser a propulsora de formações culturais hegemônicas com tendências a se cristalizarem em nossa sociedade, ao se difundir, em mídias como o twitter, o desejo de que pessoas [do Nordeste], amaldiçoadas, sejam predestinadas à morte [- típico].

Conclusão

Nesses enunciados que foram selecionados da mídia web, nos quais se apresenta a visão propagada sobre o povo nordestino durante a campanha presidencial de 2014, percebe-se que se instauram, nesse contexto, categorias *ad hoc*, as quais refletem momentos socioculturais e políticos brasileiros que poderão ser recursivizados por meio da memória semântica.

Essa memória permite-nos resgatar o objeto de discurso *nordestino*, oriundo desse “novo” cenário, nessa campanha eleitoral, distanciando-o de seu conceito original: pessoa que habita o Nordeste [+ típico] ou pessoa que nasceu no Nordeste [típico].

Nessas categorias *ad hoc* [- típicas], pode-se fazer recursividade ao objeto de discurso *nordestino*, prototipicizado na campanha eleitoral de 2014: um nordestino estigmatizado por ser uma pessoa que votou no PT, em Dilma Rousseff.

Não eram esses os lugares – antes da campanha – fortemente sacramentados como pertencentes aos nordestinos em tais categorias, pela sua atipicalidade. Esses

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

lugares atípicos, no entanto, passam a ecoar na/pela memória semântica, derivados desse contexto específico da campanha eleitoral, e repercutem em nossa sociedade.

Sob o ponto de vista cultural, há fatores que contribuem de forma decisiva para a interpretação das relações de prototipicidade, porque fornecem a categorização de base que permitirá compreender que se trata, ali, de uma interação em categorias.

E isso integra, portanto, um sentido metafórico associado ao contexto de enunciação, uma vez que, nesse cenário de campanha eleitoral, o enunciador da expressão metafórica coopera com seu interlocutor para produzir uma metáfora calcada num senso minimamente comum, ou seja, naquilo que é plausível dentro da cultura brasileira, no que concerne às disputas para eleição à presidência: os petistas *versus* os tucanos, nos últimos períodos eleitorais.

Há propriedades culturalmente construídas e categorizadas dos objetos de discurso aqui produzidos, idealizando, nesse caso, os conceitos com os quais operamos mentalmente e nos remetendo ao fato de que, no processo de representação, interessam – por terem sido socialmente construídas – essas categorias prototípicas que giram em torno de vilipêndios contra o ser humano, na recategorização de *nordestino*.

Assim, ele é visto como pessoa que votou em Dilma Rousseff; pessoa que não trabalha/vagabundo/escória; pessoa menos informada; pessoa mais pobre; pessoa ignorante; pessoa desinformada; pessoa que deve ser submetida a um holocausto; pessoa a quem se nega a realidade/o existir; pessoa maldita que votou na Dilma; pessoa predestinada à seca incessante/à morte, com destaque para o fato de essas categorias atípicas produzirem desequilíbrios socioculturais.

O efeito prototípico de depreciação do povo nordestino, através das diversas formas de categorização atípica, é, portanto, alcançado pela forma como esse objeto de discurso – *nordestino* – é percebido e perpetuado, ao ser reproduzido nas interações sociais, a partir do cenário da campanha presidencial, que o distancia de seu sentido “original” [+ típico] ou [típico], revelando-se um ser humano reificado, sob o ponto de vista cultural e sociodiscursivo.

Referências

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

AQUINO, Ana Márcia Ruas de. **Discurso político, aborto e voto na campanha presidencial de 2010**. Montes Claros-MG: Editora Unimontes, 2012.

BIONDO, Fabiana Poças. “Liberte-se dos rótulos”: questões de gênero e sexualidade em práticas de letramento em comunidades ativistas do *Facebook*. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Versão online, v. 15, n. 1, p. 209-236, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982015000100209&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 05 abr. 2015.

BRASIL. **Lei nº 9.459**, de 13 de maio de 1997. Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Brasília, 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm. Acesso em: 19 jun. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008.

FERRAREZI JR., Celso. **Introdução à semântica de contextos e cenários**: de la langue à la vie. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GARCIA, Carolina. **Comunidade médica prega holocausto no Nordeste em campanha contra Dilma na web**. Publicado em: 07 out. 2014, às 21h33. Atualizado em: 09 out. 2014, às 13h49. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2014-10-07/comunidade-medica-prega-holocausto-no-nordeste-em-campanha-contr-dilma-na-web.html> . Acesso em: 03 mar. 2015.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi Silva de. Categorização semântica: uma retrospectiva de teorias e pesquisas. In: **Revista Gelne**, v. 4, n. 1, 2002. Disponível em: http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_e1910d9c30e1383c23c6b80786aa9fe8_65.pdf . Acesso em: 12 mar. 2015.

MARI, Hugo. Verificação da identidade: um exemplo de aplicação da Teoria dos Protótipos. In: **Kriterion**. Revista de Filosofia. Belo Horizonte, n. 96, dez/97, p. 70-94. Disponível em: <http://pucminas.br/pos/letras/destaques.php> . Acesso em: 12 fev. 2015.

AQUINO, Ana Márcia Ruas de; MARI, Hugo; SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. Atipicalidades de objetos de discurso: a recategorização no conceito de *nordestino* naturalizada pelo discurso racista no Brasil. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.41-55, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTI, Mônica M.; RODRIGUES Bernadete B.; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referenciação**. Clássicos da linguística. V. 1. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MURPHY, Gregory L. Typicality and the classical view of categories. In: **The big book of concepts**. The Cambridge, Mass...MIT Press, 2004, p. 11-40.

MURPHY, Gregory L.; MEDIN, Douglas L. The role of theories in conceptual coherence. **Psychological review** 92 (3), 1985, p. 289-316.

RICHARDS, D. D. Dynamic concepts and functionality: the influence of multiple representations and environmental constraints on categorization. **Human Development** 31 (1), 1988, p. 11-19.

RICHARDS, D. D.; GOLDFARB, J. The episodic memory model of conceptual development: an integrative viewpoint. **Cognitive development** 1, 1986, p. 183-219.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor & LLOYD, B. B. **Cognition and categorization**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1978, p. 28-50.

SALLES, Marcelo. **Nordestinos malditos votam em Dilma**, espero seca pra sempre. Publicado em: 06 out. 2014, às 20h26. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/denuncias/nordestinos-malditos-votam-em-dilma-espero-seca-pra-sempre.html> . Acesso em: 03 mar. 2015.

SENRA, Ricardo. **Lula critica internautas que atacaram nordestinos**. Da BBC Brasil, São Paulo. Publicado em: 08 out. 2014, às 10h33. Disponível em: <http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/bbc/2014/10/08/lula-critica-internautas-que-atacaram-nordestinos.htm> . Acesso em: 03 mar. 2015.

Recebido em novembro de 2017.

Aceito em janeiro de 2018.